

A HERANÇA BENDITA: O POETA, A FESTA E A INSTITUIÇÃO DO PODER DA FAMÍLIA CUNHA LIMA NA PARAÍBA

Elizabeth Christina de Andrade Lima

RESUMO

A continuidade do poder através do nome de família e da disputa entre grupos clânico-oligárquicos tem sido uma constante na cultura política brasileira. Neste artigo analisaremos a instituição e a consolidação do grupo Cunha Lima no Estado da Paraíba, e especialmente na cidade de Campina Grande, por ser esta cidade o principal reduto eleitoral do grupo e de seus aliados. Investigamos a instituição da rede de poder do grupo “Cunha Lima” através da biografia política de Ronaldo José da Cunha Lima. Este é aclamado e festejado como o “poeta Ronaldo” e considerado o “pai” do “Maior São João do Mundo”, festa junina que dura 30 dias ininterruptos, que acontece no município de Campina Grande, no agreste da Paraíba. Nossa intenção aqui é pensar a festa na política e a política na festa, vendo essa articulação como uma estratégia de construção do poder da referida família e grupo político na cidade e região.

Palavras-chave: Familismo; Grupo Político; Festa, Oligarquias

THE BLESSED HERITAGE: THE POET, THE PARTY AND THE POWER ESTABLISHMENT OF CUNHA LIMA FAMILY IN PARAIBA STATE

ABSTRACT

The continuity of power through the family name and the dispute between clan-oligarchic groups has been a constant in the Brazilian political culture. In this article we analyze the establishment and consolidation of the Cunha Lima group in Paraíba State, and especially in the city of Campina Grande, because this city is the main constituency of the group and its allies. We investigate the power establishment of the Cunha Lima group through the political biography of Ronaldo José da Cunha Lima. He is acclaimed and feted as the “poet Ronaldo” and considered the “father” of the “Maior São João do Mundo”, a June party that lasts 30 uninterrupted days in Campina Grande. Is our intention here thinking about the party in the politics and the politics in the party, regarding the articulation between both elements as a power building strategy of the referred family and political group in Campina Grande City and region.

Key words: Familism; Political Group; Party; Oligarchies

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG).
E-mail: ecalima@terra.com.br.

O POETA BOÊMIO

“Hoje, meu filho, você anuncia as Manchetes do dia, amanhã você será Manchete!”¹

Não é nenhuma novidade o poder que os nomes de família e grupos políticos possuem no Brasil, na região Nordeste e, particularmente, em nosso caso de estudo, no Estado da Paraíba. O que se observa é o revezamento do poder entre grupos políticos e suas linhagens familiares.²

Wright Mills, sociólogo norte-americano, em seu livro “A Elite do Poder”, assinala que:

Em toda cidade média ou pequena da América um grupo superior de famílias paira acima da classe média e sobre a massa de assalariados, funcionários, camponeses e desempregados. E que tais famílias possuem a maior parte do que existe localmente para ser possuído. Seus nomes e retratos são impressos com frequência nos jornais, e na realidade, os jornais são deles como deles são as duas estações de rádio. Também são donos da maioria das lojas comerciais e das poucas fábricas existentes (MILLS, 1982, p.41).

Na trajetória da política paraibana, um grupo político merece destaque por sua longevidade, carisma e continuidade no poder: o chamado “Grupo Cunha Lima”. Tudo se inicia com o maior e mais importante representante do grupo, Ronaldo José da Cunha Lima.³ Figura paradigmática, marcada pela simplicidade e proximidade com o povo; detentor de dotes inusitados para um político e para carreira política: o dom da poesia de improviso e a prática boêmia. Entra no imaginário coletivo como “Ronaldo coisa linda”. Tais atributos fizeram dele um campeão de votos e detentor de diversos cargos políticos, à exceção da Presidência do Brasil, cargo para o qual nunca se candidatou; como também conseguiu eleger seu filho, Cássio Cunha Lima e outros tantos parentes e prepostos em variados cargos. O escritor Bráulio Tavares assim definiu a veia poética do político Ronaldo:

O que mais marcou as campanhas de Ronaldo, e que vive até hoje na memória dos que as assistiram, foram seus discursos em rondilha, naqueles versos simples de rimas exatas que o povo reconhece tão prontamente, porque faz parte de nossa memória cultural. (Jornal da Paraíba, 08/07/2012).

1 Frase atribuída a Dona Nenzinha Cunha Lima, mãe de Ronaldo Cunha Lima, quando ele ainda era um jovem e vendia jornais, gritando suas Manchetes. OLIVEIRA, Harrison. Ronaldo, os degraus da glória. Traços biográficos do candidato Ronaldo Cunha Lima. Companhia Brasileira de Artes Gráficas. s/d, p. 15.

2 Para aprofundar o estudo da disputa pelo poder entre grupos políticos e as chamadas “dinastias familiares”, consultar: Lewin, (1993), Gurjão (1994), Lemenhe (1995), Rêgo (2008) e Adilson Filho (2009).

3 “Ronaldo José da Cunha Lima nasceu no dia 18 de março de 1936, na cidade Guarabira, Estado da Paraíba. Filho de Demóstenes da Cunha Lima e Francisca Bandeira da Cunha Lima (D. Nezinha). Estudou no Colégio Pio XI e no Colégio Estadual da Prata, de Campina Grande, bacharelando-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba – UFPB; é casado com Maria da Glória Rodrigues da Cunha Lima e tem quatro filhos: Ronaldo Filho, Cássio, Glauce e Savigny. Entrou na vida política na década de 1960, como vereador pelo PTB (1959-1963), em Campina Grande. Foi eleito Deputado Estadual, pelo PTB, para o mandato de 1963-1967; reeleito em 1967-1969. Em 1969 se elegeu prefeito de Campina Grande, permanecendo no cargo por apenas 38 dias por ter o seu mandato cassado, assumindo no seu lugar, o interventor Manoel Paz de Lima. Após a destituição do cargo, fixa residência no Rio de Janeiro. Na capital fluminense trabalha como advogado e em 1982, retorna à Campina Grande, ano que se candidata a prefeitura de Campina Grande, pelo MDB; o substitui, o seu filho, Cássio Cunha Lima, em 1989. Tornou-se governador da Paraíba pelo PMDB, no período de 1991-1994. Foi ainda eleito para o Senado da República, no período de 1995-2002 e em 2003, assume uma cadeira na Câmara Federal desta feita, pelo PSDB e se reeleger no ano de 2006”. (Pereira Filho, 2009, p. 105)

Com uma tremenda capacidade de reinventar-se o tempo inteiro, sem deixar de lado as marcas tradicionais que o caracterizaram como um vencedor na política, Ronaldo na verdade só sai de cena, pelo menos em termos físicos, com a sua morte, em 07 de julho de 2012, cujos funerais, igualmente, foram um sucesso, um verdadeiro espetáculo de “reatualização do mito”, marcado pela comoção popular e por algumas centenas de manifestações públicas de amor e admiração.

O último adeus a Ronaldo, não sem coincidência, ocorreu na Pirâmide do Parque do Povo. A emblemática em torno de Ronaldo Cunha Lima é tão forte que o seu funeral foi realizado por um dia e uma noite, que, ainda enfeitada com motivos juninos, recebeu o seu corpo para o adeus “ao poeta”. Tal espaço que, há 29 anos, ele mesmo construiu e prometeu inaugurar a festa junina batizada de o “Maior São João do Mundo”⁴. Ao ser velado no Parque do Povo, no dia 07 de julho de 2012, para o último adeus, sela-se uma espécie de “fidelidade eterna” para com “o poeta”, de tal sorte que sua memória e sentimento de gratidão por parte dos eleitores campinenses, muito possivelmente ajudaram nas vitórias dos candidatos a prefeito, Romero Rodrigues, sobrinho de sua mulher, Glória Cunha Lima, e a vice-prefeito de seu filho, Ronaldo José da Cunha Lima Filho, a prefeitura da cidade de Campina Grande, nas Eleições 2012, desbancando as candidaturas de dois fortes grupos políticos representados pelas famílias Vital do Rêgo e Ribeiro.

De certa maneira o voto dado a Romero ganhou um significado muito forte na socieda

de local; espalhou-se a ideia de que tal gesto seria uma última homenagem à memória de Ronaldo e a todos os seus feitos como político. Merece destaque o fato de que durante a campanha eleitoral surgiu todo um “circuito de boatos” (Barreira, 1998) que afirmavam ter sido “a última vontade de Ronaldo que Romero fosse o candidato a prefeitura de Campina”; ou ainda que ele (Ronaldo) “teria pedido a seu filho, Ronaldo Filho, para compor chapa com Romero”; chegou-se ainda a afirmar-se que Ronaldo teria gravado um vídeo, fazendo todos esses pedidos e que tal vídeo seria exibido no guia eleitoral de Romero. Tal fato não se deu.

A repercussão em torno do uso da imagem de Ronaldo, após a sua morte, e a necessidade dos eleitores lhe prestarem a última homenagem foram tão alardeadas na cidade, que a irmã de uma das candidatas à prefeitura da cidade, Marta Medeiros, escreveu, no dia seguinte ao resultado das eleições, em sua página no *facebook*, um discurso bastante ressentido na defesa de sua irmã, a candidata Tatiana Medeiros, do PMDB, que a admirava “por sua garra e competência, que enfrentou com destemor um grupo sem escrúpulos, onde mais valem os fins que os meios utilizados; um grupo que se utilizou da própria morte de seu patriarca para alavancar a campanha de seu candidato.”⁵

Não sem coincidência, no ano seguinte a morte de Ronaldo, no ano de 2013, e já com a prefeitura nas mãos, o agora prefeito e vice-prefeito Romero Rodrigues e Ronaldo Filho se preparam para realizar mais uma edição de trinta dias da festa do “Maior São João do Mundo” e novamente, de maneira astuta, a fes-

4. Para maiores informações sobre a construção da festa do Maior São João do Mundo, consultar o livro: “A Fábrica dos Sonhos”: A invenção da Festa Junina no espaço urbano. 2ª edição, Campina Grande, EDUFPG, 2010, de nossa autoria.

5. http://www.apalavraonline.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=2&Itemid=128&id_noticia=3287. Acesso em 29/10/2012.

ta tem início no dia 07 de junho e se prolonga até o dia 07 de julho. No dia 07 de julho se comemorou também um ano da morte de Ronaldo Cunha Lima e seu filho, o vice-prefeito, Ronaldo Filho, ocupa o palco do Parque do Povo para fazer um discurso emocionado para lembrar a morte do pai e o primeiro aniversário de sua morte.

No Paraibaonline.com. br, no dia 08 de junho de 2013, foi possível ler a seguinte notícia:

O prefeito em exercício de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima Filho, encerrou os festejos do Maior São João do Mundo com um discurso emocionado. Ele disse que “a festa realizada em 30 dias mostrou para a Paraíba, para o Brasil e para o Mundo uma festa de paz, alegria e que vai deixar saudades no coração da população.” O prefeito ainda lembrou que “a data marca um ano do falecimento do poeta Ronaldo Cunha Lima.” “Estou tomado por uma forte emoção por estar neste palco encerrando o São João criado pelo meu pai, o poeta Ronaldo Cunha Lima. Faz um ano que ele partiu, mas recebeu o carinho do povo na Pirâmide que ele construiu. As palavras dele marcaram aquele momento: ‘Pra que este meu gesto marque o nascer de um tempo novo, o povo pediu o parque e eu fiz o Parque pro Povo’” – finalizou Ronaldinho.

No discurso acima descrito fica clara a tentativa de fazer com que Ronaldo não seja esquecido. Ele deve continuar presente como uma fantasmagoria no imaginário e nas representações dos cidadãos como uma presença e gratidão eternas. Podemos então afirmar que o espetáculo do funeral de Ronaldo, aliado a sua presença em forma de discursos constantes, proferidos durante os trinta dias de fes-

ta do “Maior São João do Mundo”, fortalecem a construção mítica do citado político.

Foi também no ano de 2013 que a festa do “Maior São João do Mundo” comemorou seus trinta anos de existência. Na tentativa de reconstituir os primeiros anos de existência do “Maior São João do Mundo” e da vida pública de Ronaldo, retornamos ao ano de 1983, quando assume a prefeitura da cidade aquele que é considerado o “pai” do evento junino.

O intento deste artigo é, portanto, apresentar como essa festa se institui como um mega evento junino durante a administração de Ronaldo José da Cunha Lima (no período de 1983-1988) para demonstrar os vários usos e apropriações da festa utilizadas pelo seu idealizador e prepostos. Em outras palavras, buscamos analisar os vários usos e apropriações da chamada “tradição da festa junina”, entre eles, todo um processo de manipulação tática e estratégica do chamado “Grupo Cunha Lima”, na busca da construção de seus perfis políticos mediados pelo evento. Buscamos demonstrar que um dos principais usos da festa junina em Campina Grande é o de possibilitar a metamorfose do político em festa; a figura do político é construída e mediada pela festa por ele gestada, de maneira que não há mais como separar o evento de seu idealizador, e tal “suave jogo político” consubstancia-se em um excelente palco de disputas e definição do poder político. Um teatro no qual se encenam as táticas do fazer político e a consequente possibilidade de uso da política como um espetáculo.

Buscamos construir uma série de intercessões entre poder, festa e política. A Antropologia, ao voltar o seu “olhar” para as sociedades contemporâneas e para o espaço urbano, redescobre essa importante área da cultura e passa a tomar a política, sobretudo, como um

processo ritual. Entre os antropólogos brasileiros, não foi diferente; principalmente a partir da década de 90, do século passado, um esforço foi direcionado a releitura da “política”, buscando analisar as atividades políticas dentro do Estado moderno-contemporâneo, evitando limitá-las às organizações partidárias e às instituições, sendo estes objetos de investigação privilegiados da Ciência Política. Tais estudos atentaram para a necessidade de interrogar as matizes do pensamento político moderno, bem como as relações nele tecidas entre conceitos, representações e imaginários.

Esta nova perspectiva de estudos denominada de Antropologia da Política⁶ surge apontando para uma amplitude na concepção do termo política, colocando-a mais próxima do vivido e de temas e aspectos diversos, a partir da percepção de que há uma multiplicidade de questões que envolvem a prática política e suas representações. A análise das práticas políticas é realizada a partir dos discursos e das ações dos atores sociais, e não exclusivamente a partir das instituições sociais. A política é tomada enquanto representação, visando contribuir para alargar a sua concepção para além da esfera institucional/administrativa e contemplar, de forma muito clara, a ação de outros atores coletivos até então praticamente ignorados.

Optamos por pensar o lugar da política em suas práticas cotidianas, destacando assim o “lugar” da interseção política e cultura, reinstituindo o peso explicativo das tradições políticas e seus rituais. Como bem sinalizou Geertz (2001), o antropólogo pretende uma busca interpretativa e, ao fazê-lo, quer, ainda, encontrar significados.

Para propor algumas reflexões da relação entre a festa e a política e os usos desta relação simbiótica e ambígua por parte da família Cunha Lima, consultamos, especialmente, os arquivos do *Jornal da Paraíba*, na década de 80, durante o mês de junho, além da pesquisa aos arquivos do *Jornal Folha Junina*, notícias das décadas seguintes, veiculadas pelos jornais locais, bem como obras escritas pelo poeta Ronaldo e obras que tiveram o referido político como tema principal.

1. A FESTA NA POLÍTICA

Iniciamos a nossa reflexão indagando: o que a festa como dimensão política pode enunciar? A festa tem congregado vários sentidos. Em sua relação com a política ela tem servido, por exemplo, para a reprodução da legitimação das relações de poder dos políticos locais. Jacques Heers, ao atentar para a relação estratégica entre a festa e a política, assevera que a festa se apresenta como reflexo de uma sociedade e suas intenções políticas. Para o autor:

A festa pública exalta os poderes, a festa privada reforça as clientelas e as audiências sociais. Não são nem jogos nem meros espetáculos, mas sim forças que pesam muito nos equilíbrios ou nas hierarquias, elementos decisivos para forjar ou conservar reputações (HEERS, 1987, p.18).

A festa parece servir como um excelente instrumento de comunicação entre os políticos ou seus eleitores; analisar a imagem da política tendo por referência a festa – como um es-

⁶ Sobre tal problemática consultar Kuschinir (2007), Palmeira e Golman (1996), Palmeira e Heredia (2010) e Barreira e Palmeira (1998) Palmeira e Barreira (2006), Mendonça (2002) e Lima (2010).

paço privilegiado de entrecruzamento de subjetivações e *devires* que apontam para uma nova forma de política é algo instigante, porque tal atitude pode vir a se constituir em um exercício de reavaliação do que é o próprio “fazer político”. É preciso, pois, considerar o que a festa como dimensão política enuncia, em que universos ela toca, que aspectos das singularidades subjetivas ela exacerba. Em outras palavras, cremos ser necessário desconstruir “o que está ‘dado’ para mostrar as fissuras saturadas, para demonstrar que o que se considera um discurso privilegiado não passa de mera construção que encobre o poder e o interesse pessoais” (ARONOWITZ, 1992, p. 165). Ou seja, a festa como dimensão política constitui uma existência coletiva particular; ela não é tão somente:

(...) a multidão numericamente expressiva configurada pela assistência de um comício – ainda que este frequentemente tome-lhe de empréstimo a feição; não constitui um ato político com fim determinado externamente, como uma passeata. A festa, lugar do lúdico, domínio social auto-referenciado, dimensiona um espaço político presentificado e celebrado como união primordial e necessária entre *pessoas*. (CHAVES, 2003, p.66)

Nesses termos,

A festa, como expressão e realização política, evento, *faz* política. Acontecimento social com conotações políticas, porquanto ato político, a festa é eficaz na medida em que veicula mensagens dotadas de sentido. Acontecimento, ela dá lugar à conjunção de representações e práticas (CHAVES, 2003, p.66).

Na cidade de Campina Grande, ao pesquisar a festa do “Maior São João do Mundo” (LIMA, 2010), percebemos que o elemento pri-

mordial da política local manifesta-se não nos partidos, mas nos políticos, contradizendo o eixo definidor das análises e da teoria política modernas, mostrando ser necessária uma reorientação do modo de compreender a política local e a política no Brasil. Em nosso estudo observamos que o lugar do partido é ocupado pelo “bom político”, e o bom político é, dentre outros atributos, aquele que faz festa para o povo, aquele que frequenta a festa com o povo. A festa assim conforma um espaço político concreto onde a política é vivida e percebida como relação particular entre *pessoas*.

Entre os simpatizantes e eleitores dos políticos que congregam o chamado “Grupo Cunha Lima”, Ronaldo José da Cunha Lima representa uma espécie de ponto de partida, de chefia das chefias. Ronaldo, líder carismático, soube desde sempre fazer ótimo uso de sua imagem pública; aclamado como o “político poeta” sempre fez questão de estar muito próximo do povo, tornando-se aquela *pessoa* sem orgulho, que conhecia a todos pelo nome, o boêmio que entrava noite adentro nos bares campinenses fazendo versos e a todos tratando com igual simpatia.

Conforme Mello (2008), que pesquisou sobre a história do PMDB na Paraíba, o antigo MDB ao assumir a candidatura de Ronaldo Cunha Lima, para Prefeitura de Campina Grande, nas Eleições de 1968, buscou encontrar um vice que desse credibilidade à chapa e gerasse confiança junto aos segmentos da alta classe média campinense, uma vez que este grupo social não simpatizava com o “jeitão boêmio e rueiro de Ronaldo”. Foi escolhido para vice o genro do senador Argemiro de Figueiredo, Orlando Almeida. Segundo o radialista Joel Carlos:

[...] Ronaldo era chamado de “Ronaldo coisa linda”. Isso começou com as mulheres dos cabarés do centro, o de Nina, e os da Rua João Pessoa de Danda e de Zé Garçon, depois tomou as ruas e criaram o mote “Ronaldo coisa linda” que pegou e alastrou-se pelos bairros por todo canto. Ele bebia e improvisava poesia. Ele pertenceu ao Grêmio Literário. O modo dele agir na política, criou um clima político muito interessante em Campina Grande. [...] Ele era um sujeito novo, simpático, muito comunicativo e improvisava poesias. Desde as eleições de 59, 62 e 66 ele tinha inventado essa história de improvisar versos nos comícios.

É sobre todo esse imaginário em torno da figura emblemática de Ronaldo Cunha Lima e de sua invenção da Festa do “Maior São João do Mundo”, que passamos a descrever. Para tanto, vamos fazer incursões na sua vida pública, até chegarmos à construção do citado evento junino.

2. A POLÍTICA NA FESTA

Quem sou eu
 Sou plateia e personagem
 Sou multidão, sou sozinho,
 Sou bloqueio, sou caminho,
 Sou verdade, sou miragem.
 Sou pensamento, sou vida,
 Sou cisma, sou acalanto,
 Sou regozijo, sou pranto,
 Sou chegada, sou partida.
 Sou abandono, sou ninho,
 Sou desamor, sou amante,
 Sou eterno, sou instante,
 Sou desconforto e carinho.
 Sou amparo e abandono,
 Sou revide, sou perdão,
 Sou inverno, sou verão,
 Sou primavera e outono.

Sou fome, sou mesa e pão,
 Sou adulto, sou criança,
 Sou descrença e esperança,
 Sou pai, sou filho e irmão.
 Sou discórdia, sou estima,
 Sou a curva, sou a reta,
 Sou, simplesmente, poeta,
 Sou Ronaldo Cunha Lima
 (Lima, 2004, p.15)

No ano de 1983 assume a Prefeitura de Campina Grande Ronaldo José da Cunha Lima. Ronaldo já havia assumido os cargos de Vereador (1959), Deputado Estadual (por duas vezes – 1963 e 1967) e em 1969, foi eleito prefeito de Campina Grande. No entanto, só administrou a cidade por 38 dias pois teve o seu mandato cassado pelo regime militar. Com o acontecido, viajou para a cidade do Rio de Janeiro onde exerceu a sua atividade de bacharel em direito.

Mesmo não mais residindo em Campina Grande Ronaldo não sai de cena; continua a manter com os seus correligionários contatos constantes. Passa a ser comum Ronaldo receber em sua residência no Rio de Janeiro, campinenses que precisam àquela cidade se deslocar, bem como continua a ter um diálogo constante com os políticos aliados. Para manter-se informado sobre Campina Grande passa a receber os Jornais locais, enviado pelos correios por amigos.

Um acontecimento que lhe dá grande visibilidade midiática é a sua participação, na década de 70, de um programa exibido pela extinta TV Tupi, “O céu é o limite”, onde ele responde perguntas sobre a obra de Augusto dos Anjos. Ele sai vencedor na disputa com outros candidatos. Tal participação naturalmente o torna conhecido em todo o Brasil e tudo isso ajuda a fortalecer a sua imagem de poeta.

Em sua autobiografia pode-se ler alguns poemas que retratam as suas vitórias para os referidos cargos. Vale a pena descrevermos partes desses poemas para termos a devida dimensão de como a sua veia poética é um grande aliado na construção de sua imagem pública⁷ e serve para fortalecer a representação do boêmio e poeta festeiro próximo do povo. É o personagem do *common man*, tão bem posto por Schwartzberg (1978)⁸

. Abaixo poemas que retratam as suas vitórias para a Câmara de Vereadores, Assembleia Estadual, Prefeitura Municipal e cassação de seu mandato, respectivamente:

Lembro, com emoção, minha partida:
Newton Rique, um dia, me convida,
convite simplesmente tentador.
O PTB foi, então, minha legenda,
a classe estudantil me recomenda
e Campina me faz Vereador.
Daí até ser Governador,
Foi longa, foi difícil a caminhada.
Com o apoio da minha terra amada,
Juntos, sempre juntos, prosseguimos.
Assim, eu e Campina construímos
Uma bonita história de amor.
(Lima, 2004, p.51)

Pedindo votos de graça,
nova eleição eu disputo.
Não dispondo de reduto,
eu saí de praça em praça.
Viola, versos, cachaça,
coisas bem do meu agrado,
percorri todo o Estado,
litoral, sertão, caatinga,
na base do pinga-pinga
fui eleito Deputado.
(Lima, 2004, p.52)

I

Eram seis, no total, os candidatos.
Bravos, fortes de ardis, intimoratos,
numa luta ferrenha e desigual.
Parecia, até mesmo, um desatino,
eu querer enfrentar Osmar de Aquino,
Plínio Lemos, Estênio e “seu” Cabral!
Além de tudo, para completar,
numa mesma legenda enfrentar
o formidável talento de Vital

II

E mais difícil se fez essa contenda
com o advento da sublegenda,
novidade da lei eleitoral
que somente admitia vitória

7 A prática política está definida como uma luta pela imposição de imagens públicas de atores públicos. Uma competição pela produção da percepção pública dos interesses e das pretensões que se apresentam na cena política. As atividades políticas estão associadas à criação e à circulação de imagens. A política de imagem é entendida como “a prática política naquilo que nela está voltado para a competição pela produção e controle de imagens públicas de personagens e instituições políticas” (GOMES, 2004, p. 242). É um fenômeno que tem como ponto central a construção da imagem pública e está permeado por um jogo de papéis, de status, de posições relativas e de valores sociais. Dessa forma, a imagem pública é algo conceitual, que está apoiado e construído sobre mecanismos enunciativos linguísticos. A construção dessa imagem está ligada a um manuseio apropriado de informações. É uma construção cognitiva, que possui correspondência com os valores que estão presentes em uma determinada sociedade. É importante salientar que esse tipo de construção não está ligado necessariamente a uma imagem plástica, de configuração visual, mas sim a uma forma de representação e apresentação de algo que está situado na realidade. As imagens públicas estão relacionadas a ações, discursos e configurações expressivas, que podem incluir elementos visuais, mas que não dependem dos mesmos para existir. Nesse sentido, “elementos visuais podem contribuir para a formação de uma imagem, desde que se submetam a uma conversão em indícios, pistas, sintomas que sirvam para sustentar inferências lógicas” (GOMES, 2004, p. 252).

8. O personagem do *common man*, do homem comum, aplica-se muito bem a imagem de Ronaldo Cunha Lima. Por seu comportamento boêmio, e sua veia poética, além de sua proximidade e afeto para com a população, ele é o homem comum, a boa *pessoa*, igual a todo mundo, o homem “simples da cidade”, nos termos de Schwartzberg (1978).

àquele que vencesse a somatória
dos votos das legendas do rival.
A disputa foi mesmo uma “Coisa Linda”,
E muito mais bonita foi, ainda,
Minha homérica vitória no final.
(LIMA, 2004, p.53)

Pelo povo de Campina fui eleito
para ser do município seu prefeito.
Mas não pude o meu povo governar.
Com pouco mais de um mês ter-se passado,
sem pecado nenhum eu fui cassado
por ato do regime militar.
Noites e dias vivi, os mais medonhos,
amargando a desdita de meus sonhos,
quase sem forças pra recomçar.
(LIMA, 2004, p.54)

Compondo versos e concorrendo em vários pleitos eleitorais, Ronaldo a todos venceu, como também os candidatos os quais apoiou, igualmente saíram vencedores, de tal sorte que podemos falar na existência de um Grupo Político, num primeiro momento conhecido como “ronaldistas” e, posteriormente, Grupo Cunha Lima.

Na sequência da vida pública de Ronaldo Cunha Lima, chegamos às eleições de 1982. Sabedor de sua popularidade na cidade e das condições propícias a sua vitória, retorna Ronaldo a cidade de Campina Grande, para concorrer à prefeitura, e sai vencedor. Indagado sobre as suas expectativas de retornar a cidade ele assim se manifestou:

Sempre esperei e sonhei com o dia da volta. Cheguei até a escrever música, escrever canção. Eu tenho uma devoção especial pela Paraíba, em especial por Campina Gran-

de. Eu quando chego aqui me sinto bem, me sinto feliz e, por isso, sonho com o dia de voltar definitivamente para cá.⁹

Para comemorar a sua vitória, em poesia, ele registra esse momento em sua autobiografia e em seu discurso de posse, respectivamente:

Mais de dez anos se passaram.
O lugar que me tomaram,
Campina me devolveu.
enfrentei Vital, de novo,
e, graças de Deus, o povo
novamente me escolheu.
(LIMA, 2004, p.56)

Aqui estou de novo para cumprir meu mandato. Repete-se o cenário e, pela segunda vez, eu vivo o mesmo instante dentro de mim. Até parece que o tempo parou, marcando compasso de espera para que não se fragmentassem ilusões, não se dissipassem sonhos, não se adiassem esperanças (MELLO, p.147, no prelo).

O “timoneiro da esperança”, o “salvador da pátria”, estava de volta ao seu “lugar”. Pronto para se “dar em serviço a cidade que sempre o acolheu”. É corriqueira a tentativa de um gestor público tentar construir uma marca para a sua administração e no caso do Prefeito Ronaldo, a sua administração na cidade ficará marcada pela festa que ele criou e imprimiu visibilidade midiática e marca turística: as festas juninas, batizadas como “O Maior São João do Mundo”. Nestes termos, a história da passagem desse político no governo do município, no período de 1983-1988, constrói, nos discursos e

9. TEJO, William. “As Eleições Municipais de 82”. In: “Oposições se unem, dividindo-se”. Anuário de Campina Grande – 81.p.39/40.

na prática da festa, uma espécie de divisor entre o que era a festa junina da cidade antes e depois de Ronaldo.



Ronaldo José da Cunha Lima.
Fonte: Folha Junina, 09 a 15 de junho de 1989.

Aclamado e festejado como o pai, o idealizador do evento “O Maior São João do Mundo”, é na sua administração que a festa de São João assume a asserção de um espetáculo e a perspicácia e astúcia do citado administrador e de seus prepostos permitem a utilização da festa como um excelente instrumento de construção de estratégias, de táticas e de correlações de força em busca e continuidade do poder.¹⁰

No ano de 1983, época do primeiro São João de sua administração, a festa junina passa a ser realizada ao lado do Centro Cultural – mesmo lugar onde no ano de 1986 é inaugurado o “Parque do Povo”, espaço que atualmente centraliza a festa. O Centro Cultural situa-se próximo ao Parque do Açude Novo – conhecido também como Parque Evaldo Cruz –, no centro da cidade, local onde acontecia até 1982 à festa junina.

No último ano da administração do então prefeito Enivaldo Ribeiro, em 1982, ocorre à desapropriação de uma grande área anexa ao Parque do Açude Novo, chamada de “Coqueiros de Zé Rodrigues” e em parte dessa área é construída e inaugurada por este administrador o Centro Cultural; só que uma grande área, de quase 25.000 metros quadrados, fica ociosa e é exatamente nesse espaço que na administração de Ronaldo é montado o “Palhoção” – uma espécie de palhoça coberta com palhas de coco e folhas de bananeiras, que serve como espaço para dança e venda de bebidas e tira-gostos – para realizar o que os organizadores da montagem da festa e a mídia irão denominar a época de “O Maior São João do País”.

A infraestrutura do “Palhoção” é rudimentar, o terreno é em terraplanagem e o sistema de iluminação é fraco, no entanto, é dado o primeiro passo para transformar essa área, três anos depois – 1986 – num suntuoso espaço

10 Referimo-nos a estratégia como “(...) o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (...) pode ser isolado.” (Certeau, 1994, p. 99). A tática como uma “(...) ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. (...) A tática não tem lugar, senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto, (...) a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’ (...) e no espaço por ele controlado (...) Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas dependem. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (Certeau, 1994, p. 100). E a poder como algo que “não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força.” (Foucault, 1993, p. 175).

11 “Forródromo” é o nome como será batizada a área coberta do Parque do Povo, em forma de Pirâmide, como uma evocação ao “Sambódromo” carioca.

para a festa, com a inauguração do “Parque do Povo” e o seu “Forródromo”.¹¹



“Palhoção”.

Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com

Na oportunidade em que discursa na noite de São João e no primeiro festejo junino de sua administração, o prefeito Ronaldo da Cunha Lima dirige-se ao público concentrado no Centro Cultural e em versos “profetiza”:

Vendo assim minha gente,
Feliz e toda contente,
Nasce um desejo profundo...
Hei de fazer em Campina
O Maior São João do Mundo.¹²

Com essa fala o prefeito, na verdade, planta a primeira semente do que pretendia concretizar: transformar a festa junina na cidade em um espetáculo turístico. Em seu discurso de abertura do festejo junino em 1984, no “Palhoção” do Centro Cultural, ocorrido no dia 02 de junho, o prefeito, novamente fazendo uso de sua capacidade para a poesia de im-

proviso, dirige-se ao público e recita a seguinte estrofe:

Grande festa nordestina,
Forró a cada segundo,
Vamos fazer em Campina,
O Maior São João do Mundo.¹²

Esta estrofe não surge tão somente como resultado de uma inspiração do governante municipal. Ele continua a pôr em prática e a substancializar um projeto extremamente bem definido de construir na cidade a festa junina, instituindo-a como um evento turístico. A propósito, essa fala do prefeito será diversas vezes utilizada e reproduzida como discurso que, não só institui a festa, mas também a sua figura de *pessoa* profundamente festeira.

A partir de então a festa assume cada vez mais um novo contorno. Ela passa a ser a expressão da administração municipal; é o prefeito poeta quem a constrói e a torna um fato concreto, real, um evento “sem precedentes” na e para a história do município, é isso que relatam os jornais locais da época. A festa junina agora tem não apenas um gestor, mas um dono, uma espécie de pai, que passa a ser paulatinamente identificado à festa por ele criada.

3. A POLÍTICA MEDIADA PELA FESTA E A CRIAÇÃO DO MITO POLÍTICO

Um fato recorrente observado na construção e execução da festa junina na cidade de Campina Grande é a participação e a presença dos políticos aliados, não só em seus espaços, mas em todo um conjunto de produções

12 Jornal da Paraíba – C. Grande, 23/06/1983.

13 Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1984.

discursivas que apontam para a disputa da festa como um bem, um instrumento de apropriação e de reivindicação à gestação do evento. De fato, a construção da festa junina no espaço urbano surge como um excelente campo de busca e concretização por prestígio e poder.

A fabricação da festa junina consubstancia-se, ainda, como um espaço de comunicação dos políticos locais com o povo; os momentos de suas aparições públicas nos espaços da festa do “Maior São João do Mundo”, configuram-se em uma oportunidade de, não só pôr em confronto a sua audiência e receptividade “popular”, mas, sobretudo, de criar um ambiente propício para a construção de imagens públicas.¹⁴ A imagem pública é um repertório construído coletivamente por representações sociais, ou seja, é uma imagem coletiva, que não se constitui de apenas uma expressão, mas de uma grande variedade delas. É um somatório de experiências vividas e que precisam ser compartilhadas pelo grupo. A construção de uma imagem pública está ligada a um complexo de informações, de noções, conceitos que uma determinada coletividade partilha e que tem como objetivo caracterizar um sujeito. O ator político é estabelecido como uma personalidade, um personagem que existe para si, mas que também possui uma forma de existência exterior, uma existência que é representacional, ligada a uma imagem. Para que uma imagem seja formada é preciso reconhecer um conjunto de propriedades que caracterizam determinado ator político, servindo dessa forma como uma atribuição.

Um dos momentos mais esperados pelos políticos locais é, sem dúvida, o dia da abertura oficial da festa junina; momento em que o pre-

feito toma a palavra e, ao discursar, comumente engrandece a sua cidade e o seu povo pelo majestoso evento que é oferecido aos cidadãos e aos turistas. A festa, nesse momento, transforma-se em uma espécie de palanque para um comício político; é a ocasião por excelência na qual os humores, as sensibilidades estão voltadas para viver a festa.

O público, ansioso, espera e aguarda o veredicto final, ou o famoso: “declaro oficialmente aberto ‘O Maior São João do Mundo’ deste ano”. É exatamente nesse momento que, de maneira subliminar e estratégica, o político passa a sua mensagem de festeiro, de “amigo do povo e da cidade”, de “administrador moderno”, pois, afinal, na sua administração, construiu espetáculo tão rico, popular e alegre; além de não esquecer de destacar a importância do evento como um instrumento de divisas econômicas para o município, para a divulgação da cidade, etc.

O espaço da festa configura-se como um importante ambiente de comunicação e passa a ser amplamente utilizado por Ronaldo como uma maneira de construir sua imagem pública.



Fonte: Jornal da Paraíba, 07/07/1984

14 O homem político deve, portanto, concordar em desempenhar de maneira duradoura a personagem em cuja pele se meteu. Precisa aceitar ajustar-se à imagem de si mesmo divulgada pela propaganda. Assim “vive ele, aprisionado num papel determinado, como ator, e escravo do seu próprio mito”. (SCHWARTZEMBERG, 1978, p. 14).

Daí que sua presença nos arraiais, por entre as barracas, no palco, discursando, a sua ocupação, enfim, de todos os espaços da festa, é uma prova incontestada de que na festa junina urbana pode-se experimentar uma nova forma de fazer política, desta vez, mediada por um jogo de sedução, de disputas por pertencimentos, de comunicação direta com o público. É sob esse prisma que a política não é mais, como formula Jacques Le Goff:

Um simples estoque de ideias programáticas produzidas pelas “elites conscientes”, pelos partidos nascidos nas crises revolucionárias, e que teria se difundido progressivamente ao conjunto do corpo social por sua própria capacidade de convencer e mobilizar. Para impregnar a vida social a política teve que tornar-se algo diverso de si mesma – seríamos tentados a dizer, mas do que ela mesma: não só um projeto sobre a organização de poder, mas uma maneira de se comunicar com os outros e compreender o mundo (LE GOFF, 1993, p.149).



Ronaldo fantasiado de “caipira”, juntamente com seu aliado político, o prefeito Félix Araújo Filho, durante a festa junina.

Fonte: Jornal da Paraíba, 19/06/1994.

A política, assim, nos “tempos da sociedade do espetáculo”, utiliza amplamente o es-

paço da festa urbana para estabelecer uma comunicação com o público eleitor e transmitir as suas mensagens, seja deles se aproximando, com todo um conjunto de discursos que apontam para a sua identidade com a festa, reivindicando o seu papel de gestor, seja aproveitando o espaço para criticar os opositores, classificando-os como antifesteiros e até “inimigos do povo”. O espaço da festa junina serve também de palco para o acirramento das disputas políticas e para a construção de figuras políticas. As menções ao idealizador do “Maior São João do Mundo”, os seus discursos e os usos que irão fazer do evento, demonstram de forma prática, como a festa é um excelente espaço de disputas pelo poder. É exatamente a partir do ano de 1984, que se esboçam os primeiros discursos que enaltecem a figura do prefeito como completamente comprometido com a cidade e com o cidadão; a festa é propalada como um presente, uma dádiva do administrador municipal, que, “com todo o empenho”, envidou os esforços necessários para torná-la uma realidade na cidade, como enuncia o discurso abaixo:

Não bastava apenas o evento. Era preciso usar a criatividade, o amor maior por um acontecimento de domínio popular. Servindo não apenas de lazer, mas especialmente marcante pelos traços históricos. Pelo folclore, por sua beleza de um modo geral que forçam por si só a participação espontânea de todas as pessoas. A partir do dia 02 de junho, a consagração total, com a presença de um público incalculável no Parque do Centro Cultural. Durante todo o mês de junho, em todos os bairros havia festas, quadrilhas, todos recebendo o apoio da Prefeitura Municipal. Apesar das dificuldades econômicas do município, Ronaldo Cunha Lima usando novamente a sua inteligência e criatividade

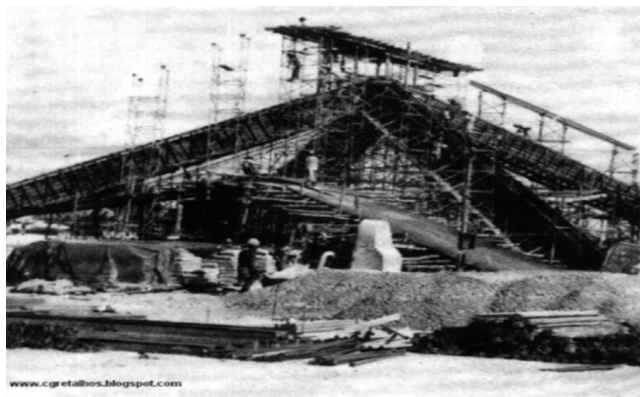
na divulgação da promoção, colhia os frutos do trabalho realizado.¹⁵

A festa, nestes termos, assume um contorno diferente: ela passa a ser a expressão da administração municipal; é o prefeito quem a constrói e a torna uma realidade, um evento sem precedentes na e para a história do município. A matéria acrescenta, ainda, a atenção que o evento recebeu de entidades, de instituições e de grupos políticos, através do envio de votos de parabéns ao administrador, pela iniciativa e patrocínio da festa:

Enquanto isso, o Gabinete da Prefeitura campinense começava a receber de todas as partes do Brasil, telegramas, cartas, ofícios e outros documentos, numa unanimidade de expressões parabenizando o Prefeito Ronaldo Cunha Lima, pela promoção do Maior São João do Mundo.¹⁶

Com a inauguração do Parque do Povo, ocorrida no ano de 1986, os jornais locais incitavam a seguinte indagação: como e por que surgiu a ideia de construir uma espacialidade para a festa junina na cidade? Segundo relatos da época, houve um que parece ter sido definidor na execução da citada obra: o de marcar a administração de Ronaldo José da Cunha Lima, como expressão, anos depois, o então secretário de Educação e Cultura do Município, ao ser indagado sobre quem teve a ideia de arquitetar o Parque do Povo e o seu “Forródromo”. Em entrevista concedida ao Jornal da Paraíba, ele assevera:

O sonho primeiro de ver o São João realizado naquele local foi nosso. Recordo-me que a Secretaria de Educação estava funcionando provisoriamente no Centro Cultural. Da varanda eu olhava para aquele espaço e algo me dizia que era ali que a festa devia ser realizada. Levei a sugestão para o Prefeito e ele concordou. Porém a construção do Forródroso tem outra história... Ronaldo queria marcar sua administração com uma obra monumental. Pesquisas e consultas foram feitas e ele optou por uma realização que pudesse fazer o povo eternamente feliz. Acertou.¹⁷



Construção do Forródroso do Parque do Povo.
Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com

A importância que a festa junina vai assumir na cidade e entre os seus habitantes, bem como a sua relação com o seu idealizador, vão materializar-se nos espaços do Parque do Povo.¹⁸ Daí porque não há mais como separar a festa de seu pai, os discursos instituem essa relação de verdadeira simbiose, a ponto de, ano após ano, a sua memória, lembrança e presença, não serem mais esquecidas.

15 Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1984.

16 Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1984.

17 Entrevista com o Secretário de Educação e Cultura do Município, Eraldo César, concedida ao Jornal da Paraíba – C. Grande, 14/06/1992.

18 Georges Balandier formula que: “no decorrer de sua história toda cidade se enriquece de lugares aos quais pode ser atribuída

A sua imagem passa a apresentar-se como uma espécie de fantasmagoria a percorrer os espaços da festa; desde a abertura do evento, quando nos discursos ele é lembrado como o seu pai, até o encerramento do ciclo junino, quando, novamente, ele se apresenta marcado no adeus à festa. No parque vazio e sem festa, resta a sua lembrança nas paredes de blocos de concreto que revestem a pirâmide e duas grandes placas fincadas ao longo do espaço do parque, sinalizam a sua passagem pela administração do município. Em uma dessas placas estão registrados os seguintes versos por ele escritos:

Que esse meu gesto marque
O nascer de um tempo novo,
O povo pediu o Parque
Eu fiz o Parque do Povo.¹⁹



Ronaldo carregado nos braços do Povo.
Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com

Ronaldo José da Cunha Lima atinge, assim, o seu objetivo, que não foi somente o de marcar a sua administração – com a construção de uma “obra monumental” – mas, sobretudo, o de não ser esquecido, pois consegue se metamorfosear em festa²⁰.

Prova de tal fato, ainda no campo da ação política²¹ e das estratégias de poder, pode ser mensurado no dia da inauguração do Parque do Povo, em 14 de maio de 1986. Cerca de 10 mil pessoas para lá acorreram e enquanto fazia uso da palavra, o prefeito, ao dirigir-se ao público, fez uma inusitada pergunta: se devia ou não deixar a Prefeitura – no meio de seu mandato – para se candidatar ao Governo do Estado. Os jornais noticiaram na época, que o povo aos “gritos” assim se manifestou em resposta à indagação do prefeito: “fica, fica, fica”. Em seguida, ele transmitiu o seguinte discurso para o público:

Eu devo renunciar a meu mandato de Prefeito. Tenho até meia-noite para me decidir. Mas para atender à vontade do meu povo, fico. Ficarei até o fim governando Campina Grande para bem servi-la. Aqui, no momento histórico da mais alta responsabilidade para minha vida política, para o destino de Campina Grande e da Paraíba, eu repito o que foi dito há muito tempo atrás, uma frase que ficou na história deste País: se

uma função simbólica, recebida por destinação ou em virtude de algum acontecimento. São os teatros onde se apresenta a sociedade “oficial” e, inversamente em que se “manifesta” o protesto popular. A topografia simbólica de uma grande cidade é uma topografia social e política. (...) Certos lugares exprimem o poder e impõem seu ar sagrado melhor do que qualquer explicação”. (Balandier, 1982, p. 11-12).

19 Informação recolhida em Pesquisa de Campo no Parque do Povo.

20 Georges Balandier assevera que: “Ao centro das ilusões produzidas pelo poder se encontra a capacidade de escapar aos assaltos do tempo. Tão inevitável como os embaraços naturais ele quer ser fator de continuidade, ele apresenta as provas de sua duração em face dos homens e das gerações que passam, de seus súditos que morrem” (Balandier, 1982, p. 10).

21 Edgar Morin ensina que: “a ação política é um jogo (...) constantemente defrontado com o problema do erro de percepção, do erro de diagnóstico, do erro de previsão e do erro de comportamento. (...) A ação política, por último, é estratégia, e como toda estratégia necessita de certo segredo e de certa astúcia”. (...). (Morin, 1995, p.152).

Campina Grande pede e se é pela vontade deste povo, eu digo a este povo que fico.²²

Momento mais que propício para o governante, em plena inauguração do espaço da festa, transformar o evento em uma espécie de “showmício”. Na verdade, a decisão de não mais se candidatar ao Governo do Estado, foi tomada um dia antes, após longas horas de reunião com a cúpula de seu partido – o PMDB – e com aliados políticos, ocasião em que o prefeito decide dar continuidade ao seu mandato. Mas, por tratar-se de um político ousado e confiante de que o carisma é seu principal trunfo e, principalmente, após ter sido criada na cidade toda uma expectativa em torno da inauguração do Parque do Povo com o seu “Fórródromo”, ele resolve “por à prova” o seu poder, a sua popularidade e a sua audiência, diante de uma plateia atenta e de toda a cúpula do PMDB, presente ao evento.



Público no Parque do Povo no “dia do fico”.
Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com

Político astuto, já sabia, obviamente, qual seria a reação do público e, diante de tal

receptividade, o prefeito, ao demonstrar o seu poder, sai fortalecido, não só nos limites do Município, mas do Estado e de sua liderança no interior de seu partido.

A repercussão de seu gesto e o desenrolar de todos os acontecimentos ocorridos no dia da inauguração do Parque do Povo foi de tamanha magnitude que provocou na Câmara de Vereadores da cidade, uma propositura estapafúrdia de uma vereadora aliada ao prefeito, Maria Barbosa, de instituir por “Lei Municipal, O DIA DO FICO”. Chega a ser anedótica tal proposta, mas em seu bojo, ela encerra uma evidência concreta: a força política do prefeito.²³

O próprio Ronaldo, em sua autobiografia, dedica uma poesia para marcar o acontecimento que ficou conhecido como o “DIA DO FICO”:

Vim pra decidir o meu caminho,
abri as asas para um voo mais alto.
Ouvindo esse clamor, adio o salto,
fico ao abrigo do meu próprio ninho”.
(LIMA, 2004, p.67)

A partir do ano de 1986 o Jornal da Paraíba começa a circular, durante o mês de junho, com suplementos especiais que tratam exclusivamente da festa junina na cidade e, neste ano, todo o caderno intitulado: “O Folclore Paraibano está de parabéns”, é dedicado à inauguração do Parque do Povo. Nele há um discurso extremamente interessante chamado de “Poesia e Sonho”:

A inauguração, hoje, do Parque do Povo, traz em seu bojo uma simbologia que trans-

22 Jornal da Paraíba – C. Grande, 15/05/1986.

23 Jornal da Paraíba – C. Grande, 31/05/1986.

cende à própria obra em sua dimensão material. Feliz associação entre a vontade de quem faz e as origens culturais da terra, o Parque com o Forródrodo marca definitivamente, o reencontro do Prefeito Ronaldo Cunha Lima com o povo de Campina Grande, naquilo que ele tem de mais importante: a sua identidade cultural. Líder carismático, Ronaldo soube aproveitar bem os anseios da coletividade, que antes de planos mirabolantes, que acenam com um futuro nebuloso, quer um pouco de pedra e cal na concretização de suas quimeras. De parabéns Campina Grande. De parabéns o Prefeito Cunha Lima, que com sua alma de poeta faz transbordar o coração dos campinenses, na alegria da festa que nos toca mais de perto. Feliz o povo que ainda pode sonhar. Abençoado o governante que pode proporcionar aos seus concidadãos, além de obras materiais, o lirismo e o sonho.²⁴

Este discurso institui um sentido interessante para a construção da imagem pública de Ronaldo Cunha Lima; ele não é tão somente um gestor que cria o espaço para a festa, ele é o poeta que clama pelos “anseios do povo campinense” e pela emoção de sua festa maior – a festa junina – que se deixando levar pela sensibilidade, transforma “armações de concreto em sonho”.

A festa, neste sentido, serve para a legitimação de perfis políticos a partir de construções imagéticas e discursivas tais como: “é a sensibilidade de poeta que se une à sensibilidade

de do povo festeiro”; o “sonho” se concretiza porque, por uma “feliz coincidência”, o “poeta” também administra a cidade; ele não entrega aos campinenses uma “obra”, mas a possibilidade de um “sonho” de poder festejar as suas datas mais importantes, particularmente, a festa junina.²⁵

Outro fato que merece destaque ocorrido no ano de 1987, na véspera do dia de São João (23), foi à soltura de dezenas de balões no Parque do Povo, mas com uma peculiaridade: eles continham as iniciais do prefeito local:

Por volta das 22 horas, os céus de Campina Grande se vestiram de um colorido mágico, quando se iniciou o “show pirotécnico”. Ao mesmo tempo, dezenas de balões foram soltos na imensidão da cidade, os quais traziam a inicial do nome do Prefeito (R).²⁶

A criatividade do prefeito-poeta em se metamorfosear em festa não tem limites; os balões trazendo as suas iniciais servem de lembrança e mensagem simbólica ao povo de que aquela festa tem um dono, um idealizador, um pai. A escolha do balão junino para marcar a presença do referido político, não é sem consequência; o balão – um dos emblemas e sinais da festa junina – é utilizado exatamente para provocar uma simbiose da figura do político a um ícone da festa, a tal ponto que, como produto de construções imagéticas e discursivas, ele

24. Jornal da Paraíba – C. Grande, 31/05/1986. Suplemento especial com o título: “O Folclore Paraibano está de Parabéns”.

25 Georges Balandier defende que é “o mito do herói que acentua com mais frequência a teatralidade política. (...) Ele é reconhecido em virtude de sua força dramática. Dela deriva sua qualidade e não do nascimento ou da formação recebida. Ele aparece, age, provoca a adesão, recebe o poder. A surpresa, a ação, e o sucesso são as três leis do drama que lhe dão existência. Ele deve ainda respeitá-los na condução do governo, manter-se no próprio papel, mostrar que a sorte permanece sua aliada contra todos”(BALANDIER, 1982, p. 07).

26 Jornal da Paraíba – C. Grande, 26/06/1987.

passa a ser representado igualmente, como elemento constitutivo e instituinte da festa.

No ano seguinte, em 1989, há uma questão crucial para ser resolvida pelo prefeito Ronaldo Cunha Lima: que nome escolher para sucedê-lo na administração municipal, nas eleições do mês de novembro do corrente ano. E, não por coincidência, ele escolhe o nome de seu próprio filho, Cássio Rodrigues da Cunha Lima, na época, exercendo o mandato de Deputado Federal. E não menos sem coincidência, ele escolhe exatamente o espaço de realização da festa do “Maior São João do Mundo” para lançar a candidatura de seu filho – na oportunidade em que no Parque do Povo ocorria o encerramento oficial do festejo junino no referido ano. Ao discursar para o público presente – cerca de 50 mil pessoas – o prefeito, como de praxe, agradece ao povo, aos patrocinadores e aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o sucesso da festa e assumindo a paternidade do evento, formula astutamente:

Essa festa eu criei como se cria um filho, pequeno crescendo e jogando-o ao mundo. E só um filho poderia prosseguir-la no Maior São João do Mundo. Por isso, entrego Cássio ao próprio destino de Campina Grande.²⁷

Cássio Rodrigues da Cunha Lima após a fala do pai, estrategicamente acrescenta:

Haverei de palmilhar os caminhos de Campina Grande, iniciados por Ronaldo Cunha Lima (...) E com o vosso apoio e vossa confiança, oferecer minha juventude e ideias, para que Campina permaneça com o encontro marcado para o futuro.²⁸

Dando continuidade ao jogo de sedução numa noite de melancolia em que os festeiros se despediam de sua “festa maior”, Raimundo Lira, o então Senador da República e aliado do prefeito, toma a palavra, afirmando que: “a cidade terá a grande satisfação de ver um grande filho suceder um grande pai”.²⁹



Ronaldo com seu filho, Cássio. Acenos para o público.

Fonte: Jornal Folha Junina, 15/06/1989

27 Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

28 Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

29 Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988. O poder investido nestas três últimas falas pode ser evidenciado tomando de empréstimo as palavras de Georges Balandier: “Sua pregação transforma o imaginário em presença. (...) A mecânica empregada para produzir efeitos é a máquina oratória. O poder adquirido é teatral na acepção mais imediata do termo. Nasce de uma voz, no sentido lírico do termo. É uma “ditadura da voz”. É com este desempenho que o imaginário e a ideologia se tornam ilusões realizadas. (...) O grande ator político comanda o real através do imaginário. Ele pode, aliás, manter-se em uma ou outra destas cenas, separá-las, governar e produzir um espetáculo” (Balandier, 1982, p. 06).

Aproveita ainda o Senador o momento de euforia política para “alfinetar” os seus adversários políticos que, segundo ele, “pretendem acabar com o São João de Campina”. Neste sentido, formula, enfático: “esta festa está assegurada, pelo menos até 1992”,³⁰ exatamente o período de mandato do sucessor de Ronaldo que, como previsto, foi seu filho, Cássio.

Ao formular que a oposição é contrária à festa, o Senador de maneira estratégica, cria uma espécie de “estado de terror” junto à população de que a festa do “Maior São João do Mundo”, “tão caprichosamente criada por Ronaldo”, corre o risco de ser extinta, caso a Prefeitura chegue a mãos erradas. A festa, além de servir de instrumento e dispositivo de legitimação, é também, moeda política; assim, para que ela não desapareça, é preciso um “guardião” e ninguém melhor que o próprio filho do “pai da festa”, para protegê-la de seus “algozes” e “desafetos”. Esse discurso e outros irão permear a campanha política do candidato do prefeito, de tal maneira que será comum o enunciado de que “é necessário que Cássio ganhe as eleições para que o São João de Campina Grande não desapareça”; portanto, uma das estratégias de perpetuação de poder amplamente utilizada pelo grupo político dos “Cunha Lima” é exatamente a apropriação da festa, tomando para si a autoria e, sobretudo, a proteção do evento.

E a suposta festa de encerramento do festejo junino transforma-se em uma festa de lançamento do candidato Cássio Rodrigues da Cunha Lima à Prefeitura do Município:

Carregados nos braços da população, o Prefeito Ronaldo Cunha Lima e o deputado Cássio Cunha Lima foram retirados do palanque, num encerramento de uma festa com gosto de comício.³¹

Em entrevista concedida a Gabriella Caniello³², no dia 16 de agosto de 2012, o Senador Cássio Cunha Lima relata aspectos curiosos de sua candidatura. Vejamos trechos de seu depoimento:

Tem uma coisa curiosa que agora eu nunca revelei a ninguém, vou revelar a você pela primeira vez; meu pai fazia uma exortação tão emotiva, tão comovente, que no primeiro instante eu tinha preocupação de como a cidade ia receber aquilo. Eu tinha um receio da cidade achar que era uma coisa exagerada, e que por isso podia provocar certa rejeição. Eu nunca disse nem a ele isso, porque ele fazia a coisa com tanto amor, que era verdadeiro, não era uma jogada de marketing, o tempo me mostrou, né, que não era uma jogada de marketing, era o coração dele falando e por isso funcionou. Mas naquele instante eu me assustava muito porque ele fazia uma exortação muito grande, ele dizia a cidade: “eu vou deixar a vocês o que eu tenho de melhor que é meu próprio filho, eu tô doando a vocês o que eu tenho de melhor que é minha descendência” e ele fazia isso com a vocação poética dele. Então me lembro exatamente desse dia, teve esse dia no parque do povo, na época, a legislação eleitoral permitia, né, hoje não seria mais possível, permitia, o que gerava uma vantagem enorme, a legislação fez bem em proibir, mas era legal naquela época, e en-

30 Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

31 Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

32 Gabriella Caniello foi orientanda no mestrado em Ciências Sociais pelo PPGCS/UEPB. A sua dissertação teve como tema a construção da imagem pública do Senador Cássio Cunha Lima, defendida no ano de 2013.

fim, eu já me sentia preparado, eu, eu topei ser candidato a prefeito, é outro episódio. Eu quando vinha de Brasília, eu trazia os anteprojetos da Constituição para o meu pai ver, meu pai sempre foi um brilhante advogado, mas do que advogado, ele era um jurista, tinha um conhecimento de direito muito profundo. Então eu chegava de Brasília, vinha aqui dar um beijo nele, um beijo na minha mãe, falar das novidades, e nesta casa aqui, me lembro como se fosse hoje, meu pai tava na rede, no quarto, dei um beijo nele, “oi poeta, cheguei de Brasília”, ele, as vezes muito atribulado, ai entreguei o anteprojeto da Constituição. Com pouco tempo eu escuto o grito: “Cássio vem cá”, e eu digo: “diga pai”; “já leu isso aqui?”, eu digo: “li, o que tem?”, “com isso aqui você pode ser candidato a prefeito”, “como é a história? Não posso não pai, sou inelegível”, ele disse: “não, leia aqui direito”. Tinha sido feita uma medida casuística, não pra me atender, pra atender a família Sarney, lá no Maranhão, que era o seguinte: a regra eleitoral não permite que parente de primeiro e segundo grau sucedam, você não pode ser candidato, qual foi o casuismo que foi feito? Naquela época, naquela eleição para prefeito eles faziam uma exceção: quem fosse detentor de mandato, mesmo sendo parente, podia suceder, e não era pra mim aquilo. (...) Aí resultado, meu pai grita, como eu contei: “com isso aqui você pode se candidatar”, eu digo: “pai, não posso”, ele disse: “leia”.

No dia da posse de seu filho, Cássio Cunha Lima, Ronaldo, em um discurso emocionado, ao transmitir o cargo para seu próprio filho, profere as seguintes palavras, as quais caracterizam muito bem a continuidade e o fortalecimento do Grupo Cunha Lima:

Chego, agora, ao fim dessa jornada, marcada que foi por angústias iniciais, por preocupações atormentadas, por dificuldades que foram sendo superadas, para culminar na majestosidade deste instante em que me concedeis a suprema ventura de passar às mãos de um filho o destino de minha cidade, palco dos meus sonhos e depositária do meu amor. Prefeito Cássio, meu filho Cássio Cunha Lima: entrego-lhe, agora, ao testemunho do meu povo e sob as bênçãos de Deus, a responsabilidade que foi minha até agora de dirigir minha amada Campina Grande, reduto inviolável de minhas crenças. Suplanta-me em amor e dedicação e eu me aumentarei no amor de pai, orgulhoso pela ação do filho. [...]. Receba as minhas bênçãos de pai, mais acima delas, acredite nas bênçãos de Deus.³³

Com as condições legais necessárias para sua candidatura e vitória, Cássio governa a cidade de Campina Grande no período de 1989 a 1992 e é sucedido por um aliado do Grupo Cunha Lima, Félix Araújo Filho, no período de 1993 a 1997 até que novamente, Cássio Cunha Lima volta a administrar a cidade, para o período de 1997 a 2000.

No ano de 1991, Ronaldo vence as eleições para assumir o governo do Estado da Paraíba e no mês de junho, no dia da abertura da festa do “Maior São João do Mundo” ele se dirige ao Parque do Povo, com o seu filho prefeito e demais prepostos e assim discursa:

Neste instante estou revivendo alguns minutos quando assumi a prefeitura de Campina Grande numa situação muito difícil, não tão grande como a do Estado, que estou vivendo agora. Na época em que idea-

33 Jornal da Paraíba – C. Grande, 03/01/1989.

lizei essa festa houve quem não acreditasse o resultado agora é que ela cresce a cada ano, e aqui estou vivendo a emoção de um governador que declara oficialmente aberto o Maior São João do Mundo, e que em épocas passadas o inaugurou como prefeito.³⁴

Tal discurso é seguido pela fala de seu filho, o prefeito Cássio Cunha Lima:

Este ano o Maior São João do Mundo tem sabor diferente, já que após uma longa espera, um governador, o próprio que criou a festa, faz a sua abertura oficial.³⁵

Um dos traços da personalidade de Ronaldo, com base no exposto, é de ser, sem dúvida, uma *pessoa* bastante vaidosa e crente em seu carisma. Os atributos de poeta, boêmio e político, “por sacerdócio e não por negócio”, como gostava de afirmar, fizeram dele um forte personagem da política local, ao modo de podermos então usar o termo Grupo Político, para ele e seus prepostos. Assim acreditamos que mesmo com a sua morte, ele não sai de cena, muito pelo contrário, o mito sempre que necessário, será

reatualizado, lembrado insistentemente para não ser esquecido. Um último poema, por ele escrito, caracteriza bem esse poder:

Vitórias absolutas,
mesmo sem ser candidato,
disputando ou não, mandato,
fui feliz nessas disputas.
Venci, bem, todas as lutas,
pois meus amigos fiéis
impediram-me o revés
pelas suas posições.
Foram dez as eleições,
e venci todas as dez.
(LIMA, 2004, p.51)

Ser um vencedor, um campeão em todas as disputas eleitorais em que concorreu fez, sem dúvida, de Ronaldo Cunha Lima, um poderoso personagem político local, alguém que mesmo com alguns episódios de queda em sua biografia particular, como o atentado ao governador do Estado, Tarcísio de Miranda Burity, ocorrido no ano de 1993,³⁶ e a perda de sua saúde, por ter sido vitimado com um AVC – acidente vascular cerebral, ocorrido em 30 de

34 Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1991.

35 Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1991

36 Ronaldo, no exercício de seu cargo de governador da Paraíba, atentou contra a vida do ex-governador da Paraíba, Tarcísio Burity, no dia 03 de novembro de 1993. Dirigiu-se ao restaurante Gulliver, em João Pessoa, por volta das 14:00 horas e desferiu, a queima roupa, três tiros em seu desafeto. Tal fato repercutiu na imprensa nacional que noticiou o acontecido e afirmava que a razão de tal ato devia-se a uma vingança de Ronaldo contra Burity que estaria por trás de uma série de acusações contra as atividades desenvolvidas por seu filho, Cássio Cunha Lima, junto a Superintendência da Sudene. A revista Veja, no dia 10 de novembro do referido ano, trás em sua capa a seguinte mensagem: “Denúncias respondidas a balas.” Em seis páginas de matéria há um interessante trocadilho entre a imagem do homem violento e o poeta. O título da matéria sugestivamente foi “Viola calibre 38”. (VEJA, Edição 1 313. Ano 26, nº 45, p.32-37). Ao praticar tal ato, Ronaldo, para se livrar do flagrante, astutamente foge para o seu reduto eleitoral, a cidade de Campina Grande e lá é literalmente ovacionado pelo povo que, aos gritos, em frente de sua residência, demonstra seu apoio a tão querido líder político. Por ocasião de uma sessão solene, acontecida no Senado Federal, no dia 18 de março de 2013, data de aniversário de Ronaldo e como uma homenagem póstuma a sua memória, vários parlamentares se revessam em discursos emocionados a relatar a trajetória pessoal e política de Ronaldo Cunha Lima. Um dos senadores a discursar foi José Agripino Maia, que à época era governador do Estado do Rio Grande do Norte, que em sua fala, ao fazer menção ao atentado contra a vida de Burity, narrou o fato de ao saber do acontecido com seu amigo Ronaldo, o telefonou imediatamente e se colocou a sua disposição, chegando a afirmar que se Ronaldo necessitasse, poderia dirigir-se a cidade de Natal, que ele colocaria todo o poder policial e bélico do seu Estado para protegê-lo, de acusado ele passa a ser vítima. Essa seria, mais um singelo exemplo do poder das oligarquias no Brasil, e particularmente, no Nordeste.

abril de 1999, o que comprometeu o seu movimento de um lado de seu corpo, fazendo-o andar de cadeiras de rodas e ter que passar por um longo processo de recuperação da fala e dos movimentos do corpo – não só se “reergue” de tais infortúnios, como se lança candidato a Deputado Federal, nas Eleições 2002, agora pelo PSDB, com o *slogan* “um voto especial”, desta feita, conclamando o eleitor a votar nele “por todos os serviços prestados à Paraíba” e não levar em consideração a sua frágil saúde. O seu apelo logra êxito e ele sai vencedor, sendo o segundo mais votado no Estado e ainda terá a grande alegria de ver seu filho, Cássio Cunha Lima, Governador do Estado.

Nas eleições de 2006, o fato se repete, Ronaldo se reelege Deputado Federal e Cássio também é reeleito para o Governo do Estado, vencendo inclusive o grande desafeto político de seu pai, José Targino Maranhão, do PMDB.³⁷

Para coroar a vitória de Cássio, ao governo do Estado, escreve Ronaldo, o seguinte poema:

Cássio a vitória lavra
Com a presença e a palavra
De forma bem destemida
Todo o Estado se agita
Na campanha mais bonita
Que já vi na minha vida.
(Lima, 2002, p.61)

Quem ainda poderia colocar em suspeição o poder da família Cunha Lima e do Grupo Político que ele representa, por tantas e sucessivas histórias de vitórias, deixa de possuir qualquer dúvida. O Grupo continua extremamente forte, com uma incrível capacidade de “ressurgir das cinzas” em momentos de crise³⁸ e voltar ao poder ainda mais fortalecido. Campeão de votos, não só Ronaldo, mas seu filho Cássio, que herda do pai, todo o seu carisma, perpetua-

37 Ronaldo, em sua vida política, sempre demonstrou forte paixão pelo seu partido o PMDB. Côncio de que era o seu principal representante e de que todos os demais membros a ele estariam subjugados, vê tal poder ser ameaçado por outro político que intenta igual poder: o então governador do Estado, José Targino Maranhão, que ambicionava por sua reeleição. O motivo de tal contenda, iniciada no dia 21 de março de 1998, por ocasião da comemoração da festa de aniversário de Ronaldo Cunha Lima, no Clube Campestre, em Campina Grande, é quem seria o escolhido pelo partido para ser o candidato nas eleições que se avizinham. Na verdade, Ronaldo se irrita profundamente com a festa que foi dada com muito mais efusão quando da chegada de Maranhão ao clube, acompanhado de um intenso foguetório e aplausos, o que provocou a ira do aniversariante que se vê preterido. Em um longo discurso, Ronaldo destila a sua raiva em frases tais como: “Esta festa seria uma festa particular de homenagem a mim. Mas quero concluir as minhas palavras, para que ninguém tenha dúvidas a respeito de meu compromisso: que eu, Governador José Maranhão, estarei a seu lado – defendendo seu nome, defendendo a unidade do partido. Apenas lhe peço – não sei se peço muito, e não estou trocando isto pelo meu apoio, que é incondicional, ele será dado de qualquer maneira – eu estou vacinado contra a intriga: vacine-se contra a bajulação!” (Jornal Correio da Paraíba, 23/03/1998) Como consequência do acontecido e da posterior convenção do Partido para escolher o novo candidato ao governo do Estado, o próprio Ronaldo se candidata para ser presidente do diretório estadual do PMDB no estado e sai derrotado pela chapa apoiada por Maranhão. Tais fatos promovem um verdadeiro racha no partido e Maranhão sai fortalecido nessa crise, não só sai candidato a reeleição, como a vence e de certa maneira, provoca a saída de Ronaldo do PMDB, o qual se desfilia para filiar-se ao PSDB, no ano de 2002. A partir de então “cria-se” um novo grupo político no Estado: os maranhistas que passam a se confrontar diretamente com os ronaldistas.

38 Cássio assume o governo do Estado, no ano de 2002 e se reelege em 2006. Em 2007 é cassado pelo pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) sob a acusação de ter distribuído 35 mil cheques a cidadãos carentes durante a campanha eleitoral de 2006, por meio de programa assistencial da Fundação Ação Comunitária (FAC), vinculada ao governo estadual. Segundo a denúncia, os cheques totalizavam cerca de R\$ 4 milhões. Continua a governar, por força de uma liminar, até 2008, sendo novamente julgado pelo Tribunal Superior Eleitoral e novamente cassado. Em seu lugar, assume o segundo candidato mais votado nas eleições de 2006, o agora, mais do que nunca desafeto político, José Maranhão. Cássio também enfrentará o estigma de “ficha suja”, o que o tornaria inelegível. Mesmo assim, ele se candidata a uma vaga no Senado Federal e é o candidato mais bem votado em to-

se no poder e com grande força para ver serem derrotado os seus desafetos e fazer vencedores os seus aliados políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “saga” do Grupo Cunha Lima, com base nas reflexões acima descritas, aponta para a sua continuidade como forte grupo a disputar o poder local. A história contada e decantada de Ronaldo Cunha Lima, que perdura mesmo depois de sua morte, unida ao carisma e espetacular poder de encenação teatral de seu filho, Cássio Cunha Lima, sinalizam para a evidência de que o grupo ressurgiu e se reinventa o tempo todo, fazendo uso principalmente de um imaginário coletivo que se cristalizou no “Ronaldo coisa linda” e no “menino de Ronaldo” garantindo a sua longevidade.

O grupo, mesmo não contando atualmente com a presença física de seu iniciador e principal representante, Ronaldo Cunha Lima, sobrevive de sua memória e da esperança colocada pelo pai, nos ombros de Cássio, para ser o seu continuador. Não à toa que o poeta, em um outro poema tratou dessa herança e transferência de poder:

Guiei teus passos na vida, um dia, quando precisavas de colos e regaços,
eram fortes e firmes os meus braços,

eram frágeis teus passos, quando andando
O tempo, em nossos passos, foi passando,
Descobrimos, nós dois, novos espaços,
com a tua juventude e os meus cansaços,
tu me amando bem mais e eu mais te amando.
Hoje, Cássio, és meu norte e minha meta.
Em ti, o meu futuro se projeta,
permitindo da morte ir mais além.
Porque me deixas, filho, convencido,
que através de tua voz serei ouvido,
que por teus passos andarei também.
(LIMA, 2004, p. 152)

O Senador Cássio Cunha Lima ao ser indagado sobre a importância de seu pai em sua vida, em entrevista concedida a Gabriella Caniello, em 05 de agosto de 2012, assim se manifestou:

Tudo que eu sou, eu devo a ele, porque ele me conduziu pelos braços, me conduziu de forma muito fraterna, como um pai muito carinhoso, um pai amoroso, e me transferiu todo o patrimônio de imagem pública que ele construiu. Eu tenho a imensa honra, a imensa felicidade de ter um pai que me amou com amor materno. Ele fez o que pode e mais do que podia até, pra contribuir com a minha trajetória.

A gratidão tão bem explicitada por pai e filho, coroa, para além do amor filial, uma muito bem sucedida relação de disputa por espaços

do o Estado da Paraíba, com mais de um milhão de votos. Esse acontecimento constrói um fato inédito na história política brasileira: um candidato inelegível ser eleito. E, de fato, ele não assume o cargo imediatamente, assumindo em seu lugar o terceiro candidato mais votado. Com cerca de um ano após as eleições o Tribunal Superior Eleitoral decide que a chamada “Lei da Ficha Limpa” não se aplica aos candidatos eleitos nas eleições de 2008, o que permite a condução de Cássio ao Senado Federal. De todo o exposto, o que fica claro para nós, é a força política do grupo Cunha Lima, que ressurgiu das cinzas e no ano de 2010 leva ao poder o candidato, por eles apoiado, Ricardo Coutinho, a uma memorável vitória contra José Targino Maranhão. Para completar a força do Grupo, quebra ainda nas Eleições majoritárias de 2012, o poder dos maranhistas, na cidade de Campina Grande, que já vinham no poder a oito anos, representado pela família Vital do Rêgo. Vence as citadas eleições, já com a morte de Ronaldo, Romero Rodrigues, primo legítimo da esposa de Ronaldo, Glória Cunha Lima, para prefeito e Ronaldo Cunha Lima Filho, filho de Ronaldo, para vice-prefeito.

de poder. O pai encaminha o filho, o filho segue os ensinamentos do pai. E de pai para filho podemos falar na existência de verdadeiras “dinastias políticas” no poder no Brasil. Sucessão e mais sucessão do poder através dos nomes de famílias, que ao se instituírem enquanto grupos buscam naturalizar, na sociedade e na cultura política, a ideia de que a disputa eleitoral se resume na briga entre grupos políticos rivais.

Trabalho recebido em 20/10/2012

Aprovado para publicação em 11/12/2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADILSON FILHO, José. *A Cidade Atravessada*. Velhos e novos cenários na política belo Jardimense. Recife: Comunigraf, 2009.
- AIRES, José Luciano de Queiroz. *A Fabricação do Mito João Pessoa: batalhas e memórias na Paraíba (1930-1945)*. Campina Grande, EDUFCG, 2013.
- BALANDIER, George. *O Poder em cena*. Editora Universidade de Brasília, 1982.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. *Chuva de Papéis*. Ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- BARREIRA, Irllys; PALMEIRA, Moacir. (Org.). *Candidatos e Candiaturas: enredos de campanha eleitoral no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias Silenciosas*. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURSZTYN, Marcel. *O poder dos donos: Planejamento e clientelismo no Nordeste*. 3 ed. Ver. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAVES, Christine de Alencar. *Festas da Política*. Uma etnografia da modernidade no sertão (Buritópolis-MG). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Formação do patronato político brasileiro. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense, 1987.
- _____. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Wilson. *Transformações da Política na era da Comunicação de Massa*. São Paulo, Paulus, 2004.
- GURJÃO, Eliete de Queiroz. *Morte e Vida das Oligarquias*. João Pessoa, EDUFPA, 1994.
- HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa, Dom Quixote, 1987.
- KUSCHNIR, Karina. *Antropologia da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder. O (caso) dos coronéis*. São Paulo: Annablume, 1995.
- LEWIN, Linda. *Política e Parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. “A Fábrica dos Sonhos”: a invenção da festa junina no espaço urbano. Campina Grande: EDUF-CG, 2010.
- _____. *Ensaio de Antropologia da Política*. Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- LIMA, Ronaldo José da Cunha. *Eu nas entrelinhas: extratos e retratos de minha vida*. João Pessoa: Forma Editorial/ Gráfica GB, 2004.
- MELLO, José Octávio de Arruda. *Ronaldo Cunha Lima: a trajetória de um vencedor (1936-2007)*. João Pessoa: Ideia, 2008.
- MENDONÇA, Kátia. *A Salvação pelo Espetáculo*. Mito do herói e política no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2002.
- MILLS, C. Wright. *A Elite no Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MORIN, Edgar. *As grandes questões no nosso tempo*. Lisboa: Editorial Notícias, 1995.
- PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1996.
- PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, César. (Org.). *Política no Brasil*. Visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- PALMEIRA, Moacir e HEREDIA, Beatriz M. *Política Ambígua*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2010.
- PEREIRA FILHO, Sebastião Faustino. *Homo Mídias e o político midiático na folia do rei nu*. Natal: Ed. do autor, 2009.
- RÊGO, André Heráclio. *Família e Coronelismo no Brasil: Uma história de poder*. São Paulo: Girafa Editora, 2008.
- SANTOS, Laymert G. apud GUATTARI, Félix & ROLNIX, Suely. *Micropolítica-Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O Estado Espetáculo*. Rio de Janeiro, Difel, 1978.